

GIVÓN, Thomas. Sintaxe Funcional: uma entrevista com T. Givón. *ReVEL*, v. 20, n. 39, 2022. Tradução de Gabriel de Ávila Othero [www.revel.inf.br].

SINTAXE FUNCIONAL: UMA ENTREVISTA COM T. GIVÓN

Thomas Givón¹

REVEL – Em seu livro *Syntax* (vol. I, John Benjamins, 2001), você diz que “o melhor ponto de partida para o funcionalismo se encontra na biologia, a disciplina-mãe que tem sido profundamente funcionalista por mais de dois mil anos” (p. 2). Que lições os linguistas podem tirar da Biologia para entender o funcionalismo linguístico?

GIVÓN – Desde Aristóteles (embora a maioria das pessoas dê crédito a Darwin), a Biologia tem buscado uma agenda empírica e intelectual adaptativa. Ou seja, presumindo que as estruturas são motivadas por suas funções (a analogia de Aristóteles era a estrutura *versus* o uso de ferramentas). E presumindo que as estruturas evoluem gradualmente, sob pressão adaptativa. E essa variação entre as espécies é, fundamentalmente, a evolução de soluções alternativas para os mesmos problemas adaptativo-funcionais. Essa associação necessária de três elementos centrais – função, mudança e variação – é tão fundamental para a linguística quanto tem sido para a biologia.

REVEL – Que contrastes podemos destacar ao compararmos uma abordagem funcionalista e uma abordagem formalista no estudo da sintaxe das linguagens naturais?

GIVÓN – O contraste entre a abordagem formal e a abordagem funcional da linguagem envolve todos os três elementos mencionados acima. De modo que não apenas a função, mas também a mudança de três tipos – evolução, aquisição e

¹ University of Oregon.

diacronia – bem como a variação, que é tanto o início quanto o produto final da mudança, estão envolvidas no contraste entre as duas grandes abordagens no estudo da linguagem. Os três tipos de mudança linguística correspondem de perto a três tipos de mudança na biologia – evolução, desenvolvimento/maturação e aprendizagem individual ao longo da vida, respectivamente.

REVEL – O senhor é um pioneiro nos estudos funcionalistas na América do Norte. Quais foram as primeiras dificuldades e os primeiros desafios para “estabelecer” a sintaxe funcional em um ambiente tradicionalmente dominado pela linguística estruturalista e generativa?

GIVÓN – Não me considero um pioneiro, mas um sucessor dos grandes pioneiros que vieram antes de nós. Para citar apenas alguns: Franz Bopp, Hermann Paul, Otto Jespersen, Edward Sapir, George Zipf, Joseph Greenberg e Dwight Bolinger, entre muitos outros. A dificuldade em restabelecer uma abordagem adaptativa no estudo da linguagem envolveu a presença de duas escolas sucessivas e bem arraigadas da linguística estruturalista (saussuriana) norte-americana – a de Bloomfield e a de Chomsky. Não são apenas tradições intelectuais, são também estruturas de poder acadêmico, com cargos, bolsas, programas de pós-graduação etc. Entrei na linguística logo após Chomsky destronar os bloomfieldianos, então testemunhei a mudança de uma estrutura de poder estruturalista para outra.

REVEL – Na sua opinião, quais foram algumas das principais contribuições da sintaxe funcional para a compreensão da linguagem humana?

GIVÓN – Creio já ter respondido essa questão mais acima.

REVEL – Você poderia sugerir uma lista de obras influentes (seminais e recentes) sobre Sintaxe Funcional para nossos leitores?

GIVÓN – Não sou muito de ler e, no momento, estou longe de bibliotecas, inclusive da minha. Ainda assim, se pressionado, eu recomendaria os trabalhos de Hermann Paul, Antoine Meillet, Otto Jespersen, George Zipf e Joseph Greenberg como os mais fundamentais para a abordagem adaptativa funcional da linguagem. Esses são os gigantes intelectuais em cujos ombros todos nós nos apoiamos, e suas obras são bem conhecidas e facilmente acessíveis.